

Quando “o cigano” vira notícia

Francielle Felipe Faria Miranda¹

Resumo:

Esta investigação objetiva conhecer e problematizar a questão do enquadramento da etnia cigana em veículos noticiosos brasileiros na internet. Para tanto, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo a fim de agrupar as temáticas recorrentes na construção das notícias e a partir disso, realizou-se uma análise qualitativa destas notícias na perspectiva das representações sociais. O estudo reforça a tese que o nó figurativo da representação dos ciganos permanece estático e utiliza a estereotipização, naturalização da diferença e o preconceito como condutores deste processo.

Palavras-chave: ciganos, estereótipo, representação, análise de conteúdo, jornalismo.

When “Roma” becomes news

Abstract:

This research aims to know and problematize the framing of the Roma ethnicity in Brazilian news vehicles on the internet. The methodology of content analysis was used in order to group the recurrent themes of the news making and from that, a qualitative analysis of these news from the perspective of the social representations was carried out. The study reinforces the thesis that the figurative node of the representation of the Roma people remains static and uses stereotyping, naturalization of difference and prejudice as drivers of this process.

Keywords: Roma, stereotype, representation, content analysis, journalism.

Artigo Recebido em: 28/03/2017

Aceito em: 28/04/2017

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás e graduada em Comunicação Social Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás e do Centro Universitário de Goiás. E-mail: franciellefelipe@gmail.com.

Introdução

A reflexão intitulada “Quando ‘o cigano’ vira notícia” trata-se de uma breve análise de conteúdo de veículos noticiosos brasileiros na internet. Surge a partir de um processo de pesquisa exploratória, utilizando o motor de busca “Google Alerts²” iniciada em dezembro de 2014, que tinha como palavra-chave o substantivo “cigano”, valendo-se do filtro de delimitação geográfica para apenas postagens brasileiras e o recebimento de um e-mail semanal com a coletânea de informações localizadas. Pretendia-se com isso, monitorar notícias, eventos e publicações relacionados ao objeto de trabalho desta pesquisadora, que desde o ano de 2011, dedica-se à investigação da representação dos ciganos brasileiros no cinema nacional.

O desconhecimento do funcionamento adequado da ferramenta não trouxe o tipo de informação desejada no âmbito acadêmico, mas chamou a atenção pela escassez de notícias relacionadas à etnia e recorrência das temáticas pertinentes a crimes supostamente cometidos por indivíduos de origem cigana, raramente identificados por nomes próprios, expressões artísticas (dança ou música) e anúncios de serviços relacionados à quiromancia e a outras práticas adivinhatórias.

A repetição destes eixos de representação tanto no jornalismo, quanto nas publicações diversas que aparecem nesta coleta eletrônica de dados, dialoga de maneira surpreendente com os trabalhos realizados por FERRARI (2002) e (MIRANDA, 2011). Ambas as pesquisas identificaram que as representações dos ciganos, tanto no cinema quanto na literatura, comunicam o pensamento social vigente no Brasil sobre este grupo minoritário. Uma relação que revela diversos pontos de conflito, preconceitos e encontra-se historicamente localizada num contexto amplo, que data da presença destes há mais de quatro séculos no país. Destacam também como estas representações pouco mudaram ao longo destes séculos, levando à conclusão de que haveria uma matriz de pensamento social estática sobre da etnia.

Representações: aspectos conceituais e aplicações na representação de minorias étnicas na mídia

O estudo das representações sociais procura compreender como são construídos os sistemas de referência que os indivíduos utilizam para classificar pessoas e grupos, a fim de interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Também investiga como e por que percepções, que desencadeiam atitudes, recorrem a “sistemas de significação, socialmente enraizados e partilhados, que as orientam e justificam” (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p.60).

Os processos representativos são atividades psíquicas, que permitem tornar

² Google Alerts é um serviço do Google que retorna resultados de uma pesquisa à caixa de e-mails do usuário, sempre que for encontrada nova citação de um termo pré-determinado. Disponível em: <https://www.google.com.br/alerts>

familiar e presente no interior do indivíduo, um objeto que está distante, que não faz parte de seu cotidiano. Desta forma, as representações orientam a tomada de atitude, a organização do conhecimento, visando a construção da informação acerca do objeto representado e atuam no campo de representação, ou seja, nas proposições referentes a um objeto. A forma como isso se opera varia em função de classes sociais, culturas e grupos.

Moscovici (1978) enfatiza o aspecto simbólico das representações sociais, a forma como interferem na construção do real, bem como seu papel orientador das condutas humanas. O pesquisador destaca ainda o caráter dialógico entre indivíduo e sociedade, tendo em vista que não há separação entre o universo externo e interno do sujeito. Nesta perspectiva, a representação social reconstitui os elementos do ambiente no qual o comportamento terá lugar, integrando-o a uma rede de relações que se associam ao objeto de representação.

Esta visão chama a atenção para a importância de se estudar as representações sociais enquanto processo, extrapolando a mera descrição do campo de representação e investigando a relação entre a estrutura de representação e suas condições sociais de produção, o que exige análise de aspectos culturais, históricos, ideológicos e interacionais.

O termo “representação” também assinala o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para falar sobre categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura. Entender as artes e as indústrias da cultura enquanto campo simbólico de disputa, implica perceber que os produtos culturais reproduzem as lutas sociais existentes e transcodificam os discursos políticos vigentes de uma sociedade. Instiga também a uma “leitura política da mídia”, conforme lembra Kellner (2002), situando-a em sua conjuntura histórica, analisando discursos, elementos estéticos constitutivos, a fim de verificar como eles refletem posições políticas, ideológicas, bem como seus efeitos.

Ao compreender minoria “enquanto todo grupo social cujas perspectivas e vozes são marginalizadas pelas estruturas de poder e pelos sistemas de significação dominantes numa sociedade ou cultura” (FREIRE FILHO, 2004, p. 46), verifica-se que a análise das representações destes grupos sociais nos produtos midiáticos oferece extenso campo para apreensão da forma como os discursos culturais ideológicos perpetuam a opressão, disseminam preconceitos, reforçam as fronteiras entre “nós”, sociedade hegemônica, e “eles”.

Stuart Hall dá especial destaque à necessidade de se abandonar a intenção de procurar o certo e o errado na análise de representações étnicas e sim, perceber que as imagens carregam mensagens denotativas e conotativas. Segundo o autor,

Nós não podemos evitar ler imagens deste tipo apenas como ‘imagens que dizem algo’ acerca de pessoas ou uma ocasião, mas que dizem a respeito de sua

alteridade, de sua diferença. A diferença foi marcada. Como ela foi interpretada é uma constante e recorrente preocupação na representação de pessoas que são racialmente e etnicamente diferentes da maioria da população. A diferença tem significado. Ela fala. (HALL, 1997, p.230)

A representação da diferença não é mero recorte no mundo histórico, uma vez que ela carrega uma série de significados culturais implícitos que dizem muito a respeito do ponto de vista de quem produz e seleciona as imagens. Neste sentido, Hall (1997) destaca práticas representacionais utilizadas pelos ocidentais através do tempo, com raízes nos processos de colonização, para marcar diferenças raciais. Em especial verifica-se o uso frequente da (1) oposição polarizada entre as raças, colocando as raças brancas como sinônimas de pureza e civilização, e as não-brancas significando impureza e selvageria; (2) naturalização da diferença e (3) estereotipização. Juntas, formam um conjunto de ferramentas importantes para interpretar as representações que destacamos no corpus desta investigação.

Das práticas aqui mencionadas, Freire Filho (2004) enfatiza a utilização do estereótipo como modo de representação complexo e resistente à mudança social no que diz respeito a grupos minoritários. Observa-se que os estereótipos terminam por impedir qualquer flexibilidade de pensamento na apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração; da justificação e da racionalização de comportamentos hostis. O estereótipo enquanto estratégia de redução de toda a variedade de atributos de um povo a alguns atributos essenciais, encoraja um conhecimento intuitivo sobre o outro e ajuda a demarcar fronteiras simbólicas no interior das sociedades.

As representações dos ciganos

Moscovici (2007, p. 662) no artigo “Os ciganos entre perseguição e emancipação” põe em relevo a contribuição da teoria das representações para os estudos ciganos. O autor afirma que a relação entre maioria e minoria, na verdade é a relação entre perseguidor e perseguido. A existência milenar de grupos perseguidos como os ciganos, os coloca em condição de serem comunidades que vivem à mercê da maioria e podem “tornar-se bode expiatório e ser desqualificada para levar uma vida coletiva e inapta a existir plenamente (...) toda minoria é sempre considerada culpada antes de ser julgada.”

Esta relação histórica das comunidades ciganas com a sociedade envolvente revela que o “nó figurativo” (MOSCOVICI, 2009, p. 663) da representação dos ciganos não variou muito ao longo dos séculos. “Sempre que o nó figurativo é associado ao um conceito e a uma imagem dessa minoria e se reproduz em tudo que é dito e pensado a seu respeito, esse nó figurativo é expresso em uma série de temas emblemáticos”.

No estudo anteriormente citado (MIRANDA, 2011), foi possível dedicar amplo espaço na pesquisa para reconstruir a trajetória dos ciganos no Brasil, identificando desde a primeira menção nos documentos históricos em 1574 até as mais recentes políticas públicas direcionadas a etnia, aonde buscou-se também conhecer a evolução das representações dos ciganos neste período. A investigação aponta serem recorrentes nestas representações, as temáticas do puro e do impuro (limpos/ sujos), definindo a presença da minoria cigana como uma anomalia no interior da população brasileira de origem europeia; os estigmas negativos sem distinção entre os naturais e os artificiais; a ontologização dos ciganos e as faces incoerentes do nomadismo, compostas por aspectos positivos (ofícios, ocultismo, música, dança) e negativos (mendigos, delinquentes, foras da lei). Aqui também foi possível comprovar a hipótese de que o “nó figurativo” da representação dos ciganos encontra-se estático em cerca de quatrocentos anos da presença de comunidades ciganas no Brasil.

Os ciganos nas notícias

Esta investigação propõe a análise de conteúdo e das representações dos ciganos no âmbito da internet. Utilizou-se o motor de busca “Google Alerts”, com a palavra-chave “cigano”. O recorte feito para a análise compreende o período entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015, visando obter critério científico para amostra e fazer uma análise compatível com espaço disponível para redação deste artigo. Assim, foram avaliados treze e-mails com os alertas indicados na busca, correspondendo ao mesmo número de semanas do período destacado. Cada e-mail correspondia a um apanhado da semana, contendo hiperlinks que redirecionavam para os textos de origem. Para a análise, foram considerados apenas os veículos noticiosos e assim foi construído o corpus da pesquisa.

Os motores de busca utilizam softwares conhecidos como “aranhas” ou “robots” que percorrem a Internet em busca da informação (documentos ou endereços de páginas web) que se pretende. Peixoto (2008) explica que os dados são recolhidos para o index dos motores de busca e estes criam uma base de dados com essa informação. O resultado da busca é dado em hiperlinks, podendo clicar-se em cada uma das entradas para aceder à informação.

A partir da definição do corpus, o mesmo foi avaliado através da metodologia de análise de conteúdo, onde buscou-se descrever de maneira objetiva, sistemática e quantitativa as ocorrências relativas ao substantivo “cigano” nos fatos noticiosos destacados, para posteriormente realizar inferências, com o objetivo de avaliar qualitativamente estas ocorrências sob a ótica da teoria das representações sociais. Fonseca Júnior (2010, p. 280) observa que “a análise de conteúdo (AC), em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa”, ora valorizando

o aspecto quantitativo, ora o qualitativo, dependendo da ideologia do pesquisador.

Neste contexto, é oportuno lembrar o fato de as representações não serem informações precisas, elas veiculam discursos que estão relacionados com a cultura e a sociedade. Por este motivo, o conceito de *framing* (enquadramento) vem sendo empregado na análise de representações jornalísticas, para referir-se às propriedades constitutivas das mesmas.

o enquadramento diz respeito à capacidade dos meios de produzirem e disseminarem implicitamente uma interpretação do mundo, por meio de uma retórica implícita, entranhada na própria estrutura das matérias jornalísticas, indicando o papel dos meios noticiosos na construção de representações públicas. (SOARES, 2009, p.57)

No jornalismo os enquadramentos de notícias são formados por palavras, metáforas, conceitos, símbolos e imagens visuais enfatizadas na narrativa, constituindo-se como uma característica essencial das notícias. Ao analisar os enquadramentos, verificam-se os padrões persistentes de cognição, interpretação, apresentação, ênfase e seleção pelos quais os produtores de conteúdo organizam o discurso.

Estudar o enquadramento, coloca em evidência aspectos implícitos da construção da mensagem jornalística, aparentemente objetiva e imparcial. Ao considerar que as representações do mundo social afetam as percepções dos cidadãos acerca de sua própria realidade, deduz-se que os enquadramentos podem influenciar a forma como as audiências percebem determinado assunto.

No período compreendido entre 01 de dezembro de 2014 e 28 de fevereiro de 2015, foram identificadas trinta e oito ocorrências em veículos noticiosos eletrônicos, referentes à palavra cigano. Deste montante, vinte e três relacionavam-se especificamente à temática de crimes cometidos por indivíduos de origem cigana, correspondendo a 60% do total. Quatro notícias (10,5%) sobre escolas de samba que criaram seus sambas-enredo em referência a cultura cigana, três (7,8%) a propósito dos direitos dos ciganos, três (7,8%) acerca de filmes/livros, três (7,8%) que utilizam o termo cigano como sinônimo genérico para pessoa de vida nômade, não referindo-se a etnia diretamente e duas (5,2%) notícias internacionais.

As vinte e três notícias que se relacionam a crimes têm em comum o fato de os delitos terem ocorrido em cidades do interior do país, especialmente nos estados de São Paulo, Bahia e Piauí. Destas, apenas três ocorreram em capitais, duas em Teresina - PI e uma em Campo Grande - MS. Estes números dialogam com a constatação por parte do censo do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2010. A pesquisa do IBGE (2011) encontrou assentamentos ciganos em 291 cidades brasileiras, concentradas, principalmente, no litoral das Regiões Sul, Sudeste e Nordeste, destacando-se o estado da Bahia, com o maior número de grupos. Realizado pela primeira vez em acampamentos, o recenseamento identificou que existem no

Brasil cerca de oitocentos mil indivíduos de etnia cigana.

O fato de estas notícias referirem-se a eventos ocorridos em cidades do interior, também elucida a verificação de que nenhuma delas foi divulgada em veículos noticiosos de alcance nacional. Todos, sem nenhuma exceção, são sites ou portais de abrangência local.

Dezesseis registros dizem respeito a assassinatos e execuções supostamente protagonizados por indivíduos de origem cigana. A fim de refletir sobre o enquadramento destas notícias, destacamos os dois eventos com maior cobertura: a execução do “cigano Hélio” em Eunápolis-BA e um duplo homicídio na cidade de Barras- PI.

O assassinato de Hélio Dantas Meira foi noticiado por seis veículos. A cobertura relativamente expressiva, se comparada com os demais crimes que aparecem no corpus, ocorreu pelo fato de este indivíduo estar relacionado à morte de um ex-deputado estadual, portanto uma personalidade conhecida, tornando o fato parte da memória coletiva da cidade. Entretanto, apenas a manchete de “O Povo News” situa a execução, dentro deste acontecimento mais amplo: “Cigano Hélio, suspeito de participar do assassinato do ex deputado Maurício Cotrim é executado em Eunápolis” (MOREIRA, 2014). Nas demais, o fator notícia parece ser a ocorrência de um cigano não identificado ter sido morto, como ilustram as manchetes a seguir: “Cigano é morto com vários tiros na cidade de Eunápolis” (RADAR 64, 2014), “Acampamento cigano sofre invasão e um cigano foi morto a tiros” (BARBOSA, 2014), “Cigano acusado de assassinar [sic] a cunhada em Itamaraju é morto a tiros em Eunápolis” (BRITO, 2014).

Todas as reportagens informam o nome da vítima somente após o primeiro parágrafo, notadamente, depois da descrição da ação dos bandidos, destacam que a vítima já havia assassinado a cunhada, levando à conclusão por parte do leitor de que a “justiça foi feita”. Apenas uma associa o crime de vingança pela morte de Maurício Cotrim, um ex-deputado estadual que teria sido executado em 2007 pelo “Cigano Hélio”. Apesar de referirem-se a um acampamento, as fotos mostram casas simples aonde o crime teria acontecido e duas ilustram com fotos da cunhada em trajés típicos ciganos, enquanto viva.

O fato de não informar o nome da vítima no primeiro momento, mas sim sua ficha criminal e os detalhes do crime, desqualifica os atributos humanos da vítima e sua individualidade. Neste contexto, não importaria saber de quem se trata; a utilização do termo genérico “cigano” nomeia tanto o indivíduo, quanto a etnia, encorajando a percepção de que todos os indivíduos de origem cigana seriam iguais e reforça o estereótipo do cigano marginal ou de etnia propensa à marginalidade, enquanto demarcador identitário e por consequência culpado antes mesmo de ser julgado.

Chama a atenção o fato de as notícias afirmarem que o crime teria acontecido em um acampamento cigano, mas as imagens retratarem moradias equivalentes a um bairro simples de cidade interiorana. A dissonância entre texto e imagem revela

outra perspectiva do olhar de quem enquadra a notícia: o caráter estanque dos estereótipos e sua utilização como ponte de significação com o receptor da mensagem.

Há um imaginário social de que os grupamentos ciganos habitam barracas, posicionadas em locais afastados da cidade e vivem assim porque todo cigano é necessariamente nômade e avesso à civilização (perspectiva evolucionista). Este estereótipo não agrega a percepção de que em geral os indivíduos de etnia cigana vivem sim de maneira comunitária, mas o nomadismo não é uma prática comum a todas as comunidades. Na maioria dos casos, conforme observa Rodrigues (2009), o nomadismo é mais um valor, fruto de um passado de fugas e perseguições, que uma vivência. Quanto melhor incorporada à sociedade (acesso a trabalho, educação, saúde e etc), mais sedentária é a comunidade cigana e por consequência, abandona os acampamentos, passando a ocupar bairros inteiros, com residências fixas. Assim, o enquadramento “acampamento” não apenas revela o conhecimento intuitivo acerca da forma de viver de um indivíduo de etnia cigana, mas também reforça a ideia de cigano enquanto categoria genérica de pensamento.

O enfoque do “Duplo homicídio de Barras-PI” informa que o crime teria acontecido em função de uma briga ocorrida em um acampamento cigano, que termina com o assassinato de duas pessoas da mesma família e outros dois feridos. O criminoso encontrava-se foragido até a data da veiculação das reportagens. Nenhuma das cinco notícias³ revela os nomes dos cinco envolvidos e todas são ilustradas com fotografias que expõem a brutalidade do crime, com os cadáveres em primeiro plano e poças de sangue. Com este enquadramento, reforçam novamente a tese dos ciganos como uma anomalia no interior da sociedade. Moscovici (2007) e Hall (1997) falam em naturalização da diferença, quando uma representação toma um atributo, neste caso o caráter violento, como algo pertinente a todo o grupo e não a um indivíduo. Ao associar um atributo negativo a toda uma etnia, as diferenças inter-étnicas deixam de ser culturais, passam a ser fixadas pela biologia, tornando-se, portanto, permanentes, impossibilitando às classes subalternas a abertura à mudança e adequação ao padrão eurocêntrico de mundo.

Seguindo o mesmo mecanismo de enquadramento, três notícias do corpus desta pesquisa discorrem sobre golpes e trapaças supostamente cometidas por ciganos. Duas delas utilizam o termo “golpe do cigano” para ilustrar uma categoria de crime: “Joaçabense perde R\$ 18 mil ao cair no golpe do ‘cigano’” (RÁDIO CATARINENSE,

3 BRINGEL, Eugênio. “Polícia de Campo Maior procura cigano que assassinou irmãos em Barras”. In: **Meio Norte.com**. 2015. Disponível em: <http://www.meionorte.com/cidades/pi/campo-maior/policia-de-campo-maior-procura-cigano-que-assassinou-irmaos-em-barras-308141> . Acesso em: 17/10/2016.

CIDADE VERDE. “Briga entre ciganos termina em duplo homicídio na cidade de Barras”. In: **Cidade Verde**. 2015. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/185889/briga-entre-ciganos-termina-em-duplo-homicidio-na-cidade-de-barras> . Acesso em: 17/10/2016.

LONGAH. “Cigano invade casa, mata dois irmãos e fere criança em Barras”. In: **Longah**. 2015. Disponível em: <http://longah.com/index.php/destaque/20813-20813.html> . Acesso em: 17/10/2016.

PINHEIRO, Coronel. “Briga de ciganos deixa duas pessoas mortas a tiros, um idoso e uma criança ferida”. In: **JF Agora**. 2015. Disponível em: <http://www.jfagora.com/cigano-mata-duas-pessoas-a-tiros-fere-um-idoso-e-uma-crianca-na-madrugada.html> . Acesso em: 17/10/2016.

REGIÃO NORDESTE. “Cigano atira em desafeto no bairro São Francisco”. In: **Região Nordeste.com**. 2015. Disponível em: <http://www.regiaonordeste.com/portal/materias.php?id=110781> . Acesso em: 17/10/2016.

2015) e “Golpe do Cigano aplicado em Joaçaba tira R\$ 20 mil da vítima” (LUIZ, 2015). As reportagens informam que um senhor de Joaçaba-SC procurou a polícia, comunicando que teria caído num golpe praticado por duas pessoas, que se identificaram para ele como sendo ciganos. Mais uma vez, os suspeitos não têm nomes.

O texto divulgado no site Rádio Catarinense, afirma que a vítima “caiu na conversa” dos “ciganos”, entre aspas. A utilização desta pontuação nos leva ao questionamento do porquê utilizaram-se das aspas? Seria para dar destaque à palavra ou por desconfiar da procedência realmente cigana dos marginais? A intenção não fica clara.

O roubo e o engano são imagens recorrentes da representação dos ciganos na história ocidental. Seja para nomear o “sentimento de ludibrio dos ocidentais decorrentes de qualquer transação malograda” ou “sua versão mais lúdica e suave” associada ao engano/golpe/contravenção (FERRARI, 2002, p. 104). As conclusões da pesquisadora apontam que o hábito seria herança da passagem dos ciganos pelo oriente, aonde as negociações bem-vindas são aquelas demoradas, sendo que as partes “duelam” por um valor satisfatório, quase como um jogo, em que haveria um vencedor e um perdedor. A sensação de prejuízo ou engodo, fruto de uma transação comercial ganharia o adjetivo de “golpe”, quando o ganhador desaparece em função do seu caráter nômade e carrega o estigma da marginalidade. Em essência, esta forma de negociar visaria prolongar o diálogo e a interação com o visitante ou o não-cigano, que outras circunstâncias não interagiriam com um cigano. Em outros casos, o “golpe” atua como uma reação dos indivíduos ciganos a uma sociedade envolvente preconceituosa e excludente.

A questão do golpe denunciado nas notícias, sem comprovação ou possibilidade de investigação, atua como alerta às populações vizinhas sobre possíveis ciganos embusteiros rondando a região. A população, neste caso, é estimulada a adotar uma atitude de prevenção para com toda a etnia. O enquadramento aqui mais uma vez reforça estereótipos negativos associados aos ciganos, estimula preconceitos e a relação assimétrica entre maioria e minoria.

Considerações finais

É interessante perceber como os dados coletados a partir da análise de conteúdo dimensionam com bastante clareza o nó-figurativo dos ciganos no Brasil. Enquanto minoria marginalizada por vários séculos, as associações negativas figuram mais notadamente na amostra e sobrepõem-se por exemplo, às facetas do nomadismo que o ocidente sempre admirou em menor escala: as festas, a cultura exótica e a liberdade.

Os veículos noticiosos aqui utilizam-se em sua maioria, da estereotipização e da naturalização da diferença para representar os indivíduos de etnia cigana e desta

forma disseminam preconceitos e reforçam ideias que remontam ao passado colonial do Brasil, deixando claro que o pensamento social acerca do cigano permanece estático nesta sociedade. Muito mais do que falar sobre a etnia, estas notícias dizem sobre o olhar daqueles que as selecionam e constroem. Trata-se, portanto, de um viés que oprime e reforça as barreiras entre a sociedade hegemônica e os grupos minoritários.

Se levarmos em consideração que a maior parte das notícias analisadas mostra a etnia cigana como transgressora, podemos afirmar que, de uma forma geral, as narrativas sugerem que os ciganos são uma ameaça para a sociedade e contribuem para uma visibilidade social majoritariamente negativa.

A construção das notícias, bem como o *framing* propiciado aos indivíduos de etnia cigana também esbarram nos princípios éticos da profissão de jornalista. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2016) no artigo 6º, incisos XI e XIV coloca que é dever do jornalista “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias”, bem como combater a prática de perseguição e discriminação por motivos diversos, incluindo a racial. As sub-representações destacadas neste estudo, ao reproduzirem visões amplamente partilhadas dos estereótipos negativos relacionados aos ciganos, sem a identificação dos envolvidos, portanto vinculando os crimes à etnia e não aos indivíduos, e por negligenciarem a importância de ouvir o maior número de pessoas e instituições envolvidas ou a precisa apuração dos fatos, alimentam junto do público em geral, visões estereotipadas destes criminosos e a consequente associação da criminalidade a este grupo socialmente excluído.

O teor das notícias ainda ilustra a sub-representação das questões de cidadania social no jornalismo praticado num contexto de mercado, focado no critério de noticiabilidade, números e impacto imediato na audiência. Neste contexto, “as camadas mais pobres da sociedade só alcançariam visibilidade no noticiário em ocorrências pontuais extremas: acidentes, chacinas, confrontações, calamidades, ocupações.” (SOARES, 2009, p. 142)

Cabe aqui a reflexão de que o poder simbólico da imprensa está em sua capacidade de agendar temas, enquadrá-los e torná-los públicos. Em uma democracia, os meios de comunicação são instâncias produtoras de significados, que interagem com as instituições e a sociedade, disseminando informações, pautando as ações e posições dos cidadãos perante os acontecimentos que ganham notoriedade midiática. Não pode-se esperar que o jornalismo ocupe o lugar do cidadão, que é quem de fato tem o poder de mobilização frente aos aparatos do Estado, mas espera-se que ele cumpra com seu papel específico: agendar temas para o debate público racional.

Ao verificar o espaço limitado e o enquadramento que os veículos noticiosos

possibilitam à etnia cigana, observa-se que estes tornam invisíveis comunidades com necessidade de afirmar a sua existência, bem como suas diferenças, para ter acesso a políticas públicas destinadas às minorias étnicas muito recentes no país e portanto, frágeis em sua constituição e capilaridade. É sabido que as relações entre o jornalismo e o exercício da cidadania não são imediatos e dependem de uma ampla gama de fatores, mas a reflexão em torno das representações que este repercute auxiliam também na construção de uma sociedade mais justa.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda. “Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação”. **Em Aberto**, Brasília, a. 14, n. 61, jan./mar. 1994. p. 60-78. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/912/818>>.

BARBOSA, Paulo. “Acampamento cigano sofre invasão e um cigano foi morto a tiros”. 2014. In: **Rota 51.com**. Disponível em: <http://www.rota51.com/home/06/12/2014/acampamento-cigano-sofre-invasao-e-um-cigano-foi-morto-a-tiros/>. Acesso em: 17/10/2016.

BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luis Cláudio. **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

BRITO, Ronildo. “EUNÁPOLIS: Cigano acusado de assassinar [sic] a cunhada em Itamaraju é morto”. In: **Bahia Já**. 2014. Disponível em: <http://www.bahiaja.com.br/bahia/noticia/2014/12/06/eunapolis-cigano-acusado-de-assasinar-a-cunhada-em-itamaraju-e-morto,77774,0.html> . Acesso em: 17/10/2016.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Disponível em: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf . Acesso em: 25/10/2016.

FREIRE FILHO, João. “Mídia, estereótipo e representação das minorias”. **Revista ECO-Pós**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004.

GASPAR, Lúcia. **Ciganos no Brasil**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2012. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 28/10/2015.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications, 1997.

IBGE. “Municípios, total e com acampamento cigano e local destinado para este fim, segundo as Grandes Regiões e as classes de tamanho da população dos municípios - 2011”. In: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Perfil_Municipios/2011/pdf/tab167.pdf . Acesso em: 13/09/2016.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.

LUIZ, Eder. “Golpe do cigano”, aplicado em Joaçaba, tira R\$ 20 mil da vítima”. In: **Eder Luiz.com.vc**. 2015. Disponível em: <http://www.ederluiz.com.vc/golpe-do-cigano-aplicado-em-joacaba-tira-r-20-mil-da-vitima/> . Acesso em: 17/10/2016.

MIRANDA, Francielle. **As representações dos ciganos no cinema documentário brasileiro** [manuscrito]. Goiânia, GO: UFG, 2011. Disponível em: https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/DISSERTA%C3%87%C3%83O_de_francielle.pdf

MOREIRA, Viviane. “Cigano Hélio, suspeito de participar do assassinato do ex deputado Maurício Cotrim é executado em Eunápolis”. In: **O Povo News**. 2014. Disponível em: <http://opovonews.com.br/cigano-helio-suspeito-de-participar-do-assassinato-do-ex-deputado-mauricio-cotrim-e-executado-em-eunapolis/> . Acesso em: 17/10/2016.

MOSCOVICI, Serge. “Os ciganos entre perseguição e emancipação”. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RADAR 64. “Cigano é morto com vários tiros na cidade de Eunápolis”. In: **Radar 64**. Eunápolis – BA: 2014. Disponível em: http://radar64.com/noticia/cigano-e-morto-com-varios-tiros-na-cidade-de-eunapolis_26506.html . Acesso em: 17/10/2016.

RÁDIO CATARINENSE. “Joaçabense perde R\$ 18 mil ao cair no golpe do cigano”. In: **Rádio Catarinense**. 2015. Disponível em: http://www.radiocatarinense.com.br/portal/noticias_detalhe.php?id=7079 . Acesso em: 17/10/2016.

RÁDIO CATARINENSE. **Joaçabense perde R\$ 18 mil ao cair no golpe do “cigano”**. Joaçaba – SC: Rádio Catarinense, 2015. Disponível em: < <http://www.radiocatarinense.com.br/novidades.php?id=7079> >. Acesso em: 27/10/2015.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa. “Reconhecimento, alteridade e identidade: os ciganos e a política cultural brasileira”. In: **REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL**, 8., 2009, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: RAM, 2009.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.